

Apocalipse: seu conteúdo e significado



Craig L. Blomberg, Ph.D.

*Experience: Distinguished Professor of New Testament Studies
at Denver Seminary in Littleton, Colorado*

I. Os juízos das trombetas (8:6–11:19)

A segunda série de juízos que formam, em grande parte, o segmento intermediário do livro de Apocalipse são os sete juízos das trombetas: 8:6–11:19. Estamos agora prontos para descrever a grande tribulação propriamente dita, esse período do final da história humana, em que o antagonismo entre as forças do bem e do mal parece alcançar seu clímax.

A. As quatro primeiras trombetas

Tal como nos primeiros quatro selos, os quatro primeiros juízos representados pelas trombetas estão relacionados entre si, chamando a atenção do leitor para as muitas pragas contra o faraó e os egípcios, desde os dias de Moisés. Curiosamente, em diversos casos, diz-se que um terço de Terra será afetado por esses juízos.

Qual é o significado desse número fracionário? Ao menos, o que parece ser relevante é o fato de ele representar menos da metade.

A maior parte do mundo permanecerá sem ser afetada, mesmo no início da grande tribulação. As coisas irão se intensificar antes do final da tribulação. Mas durante todo esse período, mesmo que esses juízos se manifestem numa escala maior — mais impressionante e terrível do que qualquer catástrofe que história humana jamais tenha experimentado anteriormente — eles ainda têm por objetivo conduzir as pessoas ao arrependimento.

O capítulo 9:20-21 torna essa intenção clara, mesmo que de forma indireta, quando João lamentava a falta de arrependimento do povo, apesar de todos esses juízos. O ponto essencial dessa afirmação, no entanto, é compreender que, mesmo nessa era tardia da história humana, os juízos de Deus não são meramente punitivos, mas têm finalidade corretiva, na esperança de que as pessoas cheguem ao arrependimento e não pereçam.

B. Trombetas cinco e seis

Os quinto e sexto juízos de trombeta, como na sequência anterior de selos, são de uma natureza diferente das primeiras quatro [trombetas] — nesse caso, sendo explicitamente descritos em linguagem demoníaca.

Exércitos de gafanhotos — que relembram a experiência e as profecias de Joel — são retratados como vindos explicitamente do abismo. Uma das ironias observadas em algumas abordagens modernas do livro do Apocalipse é que, sem se dar conta, elas realmente anulam o elemento sobrenatural e demoníaco mencionado nas Escrituras. Simplesmente tentam ligar as batalhas que esses exércitos de gafanhotos representam a um enfrentamento armado meramente humano. Mas, ao que parece, o que está sendo retratado no capítulo 9 envolve uma guerra espiritual.

C. O segundo interlúdio

A passagem em 10:1-11 apresenta a primeira parte de um novo interlúdio, antes do toque da sétima trombeta. Aqui a visão de João se assemelha à experiência do profeta Ezequiel. Ele também havia recebido a ordem de comer um livrinho que teria um sabor amargo e doce ao mesmo tempo. De maneira semelhante, João está sendo lembrado, bem como seus leitores, de que ambos os acontecimentos do período da tribulação têm elementos amargos e doces ao paladar deles.

Para o povo de Deus, haverá um gosto muito doce ao paladar pelo menos ao se aproximar do limiar do dia da vingança divina. Mas para aqueles que serão julgados, o sabor será realmente amargo. E mesmo o povo de Deus — os que foram selados e estão protegidos contra esses juízos que são descritos como expressões da ira de Deus — certamente não estará isento da perseguição da parte dos incrédulos e do diabo.

D. As duas testemunhas

O capítulo 11 apresenta, no entender de alguns leitores, a visão de mais difícil entendimento dentre todas as visões do livro de Apocalipse. Centra-se em torno do ministério de duas testemunhas, duas pessoas que, na visão de João, são descritas numa terminologia que remonta Moisés e Elias, profetas nos tempos do Antigo Testamento.

No entanto, se aceitarmos o fato de que uma grande parte do povo de Deus está vivendo a tribulação, hipótese que tem a concordância da maioria dos intérpretes (a única diferença é se a tribulação envolve a totalidade da igreja ou um pequeno grupo de crentes), parece mais provável que, em vez de duas pessoas, as duas testemunhas do capítulo 11 representem a comunidade de testemunhas do povo de Deus, mesmo nesses tempos terríveis. Tal como sucedeu em muitos períodos e lugares ao longo da história da igreja, quando a perseguição é mais intensa, o testemunho tende a ser mais arrojado. Foi Tertuliano, um dos pais da igreja primitiva, quem proferiu a famosa frase: “O sangue dos mártires é a semente da igreja.”

O capítulo 11 também introduz a primeira de várias referências acerca da tribulação, nos próximos capítulos, como um período de tempo relacionado com o número três e meio. As várias descrições — quarenta e dois meses; ou três tempos e meio; ou tempo, tempos e metade de um tempo; e assim por diante, tudo isso adicionado a um período de três anos e meio. Alguns comentaristas, agrupando várias menções acerca desse período de três anos e meio, inferem que a tribulação terá a duração de sete anos.

Mas, curiosamente, o livro do Apocalipse nunca apresenta essa soma, e na verdade, no lugar em que aparece a referência aos três anos e meio, no capítulo 12, ela é feita no contexto de um retrospecto da primeira vinda de Cristo: a criança do sexo masculino que a mulher dá à luz, a quem Satanás, o dragão, está pronto para devorar. Mas Ele está protegido e é arrebatado para o trono de Deus — uma clara referência ao nascimento de Jesus e Sua posterior ressurreição e ascensão ao Céu.

Portanto, não é absolutamente claro que esses períodos de três anos e meio devam ser tomados em forma sequencial; e como o Apocalipse nunca apresenta essa soma que resulta em sete anos, devemos ser muito cautelosos em fazê-lo. Particularmente, quando compreendemos o simbolismo do número sete como o número da perfeição — retrocedendo até os sete dias da criação e usado dessa forma em toda a Escritura — parece muito mais natural entender que a grande tribulação terá a duração de três anos e meio, isto é, um período incompleto que não representa a palavra final de Deus sobre história humana. Na verdade, nem o período de três anos e meio, nem o de sete, provavelmente, devam ser interpretados literalmente, e sim de modo simbólico ou teológico. Seja qual for a duração dessa grande tribulação, esse tempo nunca é mencionado explicitamente.

No fim do capítulo 11, chegamos ao toque da sétima trombeta. Mas como no sétimo selo, não é realizado nenhum julgamento em separado; trata-se apenas de um momento de adoração a Deus no céu e novamente se repetem o que poderíamos chamar de efeitos sonoros cósmicos.

II. Terceiro interlúdio (12:1–13:18)

Antes de prosseguir para o grupo final dos juízos, temos ainda outro interlúdio — o mais longo dos interlúdios apresentados por João — nos capítulos 12 a 14.

A. Trindade profana

Aqui nos deparamos com aquilo que tem sido chamado trindade satânica, um trio de personagens grotescas, parodiando as funções do Pai, do Filho e do Espírito Santo. O capítulo 12:1-17 apresenta a primeira pessoa dessa trindade profana, um dragão que é explicitamente associado com Satanás, no versículo 9.

Ele é descrito como um ser que persegue e assedia tanto o próprio Jesus como a descendência da mulher que deu à luz ao Senhor, possivelmente uma referência à igreja, a comunidade de Seus seguidores. No entanto, o povo de Deus recebe proteção e é arrebatado durante a pior fase da perseguição de Satanás. Embora os crentes estejam completamente protegidos contra os efeitos da ira de Deus durante esse período, somos lembrados mais uma vez de que eles não ficarão totalmente imunes à perseguição ou ao sofrimento, incluindo algumas vezes o próprio martírio, causado pelo diabo.

B. As duas bestas

O capítulo 13:1-10 apresenta a primeira de duas bestas, aquela que provém do mar. Ela é descrita em termos simbólicos, sendo notavelmente parecida com o dragão, assim como Cristo é a imagem expressa de Seu Pai. E parodiando Jesus, o Filho — a segunda pessoa da Trindade divina — a segunda pessoa da trindade profana parece ter sofrido um ferimento fatal que foi curado, tentando com isso imitar a crucificação e a ressurreição. Todavia é importante ressaltar que João afirma que essa besta apenas tinha essa aparência. Ele não diz que o diabo imitou com sucesso a morte e a ressurreição de Cristo.

Essa personagem é geralmente considerada, no pensamento cristão, a encarnação do Anticristo, o ser que mencionamos em nosso estudo acerca dos ensinamentos de Paulo, especialmente nas epístolas aos Tessalonicenses. Na literatura judaica, tal ser era considerado um arqui-inimigo do povo de Deus, o qual haveria de surgir nos últimos tempos. No entanto, curiosamente o termo “anticristo” jamais aparece no livro de Apocalipse. Na verdade, ao longo das Escrituras, esse nome aparece unicamente nas epístolas de João. Os falsos mestres da época de João foram chamados anticristos (com a inicial minúscula e no plural), como se fossem precursores de um Anticristo maior e universal que ainda estava por vir.

O terceiro membro da assim chamada trindade satânica aparece em 13:11 e versículos seguintes, sendo descrito como uma besta que surge da terra. Essa besta parodia o Espírito Santo. Ela tem autoridade profética e sacerdotal para fazer com que os incrédulos adorem a primeira besta, usando sinais milagrosos para tentar levá-los a seguir os desejos do diabo em vez daqueles de Cristo. É nesse contexto, quase no fim do capítulo 13, que aparece também a enigmática “marca da besta”, sem a qual os crentes não estarão autorizados a comprar e vender no mercado mundial dos últimos tempos.

Mais uma vez, o autor utiliza um tipo de linguagem e imagens que eram muito familiares a partir do final do primeiro século. Particularmente, durante a perseguição de Domiciano, as pessoas, para obter um posto público, tinham de fazer um juramento declarando que Domiciano César era o Senhor. As alianças comerciais, especialmente em torno da Ásia Menor, frequentemente acrescentavam essa dimensão religiosa às suas práticas, o que tornava muito difícil para os cristãos comprar ou vender [sem prestar esse juramento].

Por que o número 666? Há quem acredite que o número seja um exemplo do dispositivo judaico conhecido como “gematria” — método hebraico de atribuir valor numérico às letras. Se o nome Nero César, fosse submetido a esse método, usando-se uma ortografia hebraica possível, o valor numérico das letras somaria 666.

Tendo em conta que até o final do primeiro século havia um mito, que circulava nos círculos romanos, de que Nero nunca havia realmente morrido, e que um dia voltaria de seu esconderijo para reclamar o trono, essa interpretação seria plausível.

Mas é igualmente provável — como tantos números na literatura apocalíptica mais geral e em todo o livro do Apocalipse — que 666 tenha algum significado por conter três dígitos, assim como os três membros da Trindade e sua paródia satânica, sendo cada número seis o número anterior ao sete. Setecentos e setenta e sete seria, portanto, o número perfeito ou santo, apropriado para a Trindade, como de fato foi reconhecido posteriormente em escritos cristãos. Seiscentos e sessenta e seis poderia ser uma paródia apropriada do número da Trindade, por parte de alguém que estaria tentando — sem, no entanto conseguir — igualar-se ao Deus vivo e verdadeiro. Se essa interpretação estiver correta, então não há como interpretar os eventos atuais como se estivessem revelando antecipadamente quem viria a ser o Anticristo.

III. Vitória e taças de juízo (14:1–16:21)

Apesar dos horrores infligidos por essa trindade grotesca, o capítulo 14 descreve a vitória do povo de Deus. Finalmente, quando chegamos ao capítulo 15, estamos preparados para voltar ao final da série de 21 juízos, três séries de sete, que tanto chamam atenção nos capítulos centrais do livro de Apocalipse.

A. As sete taças

Os juízos das sete taças formam o quadro estrutural de 15:1–16:21. Mais uma vez, o louvor celestial acompanha o início das últimas sete pragas. As taças assemelham-se aos juízos das sete trombetas, os quais por sua vez, demonstraram certa semelhança com as pragas sobre os egípcios nos dias do faraó. Mas aqui não há limites definidos para as partes afetadas; também, não há referências de que um terço da Terra será atingido. Esse motivo nos faz pensar que não se trata de uma simples recapitulação do período da tribulação, mas refere-se a um período posterior e mais intenso dessa fase.

B. O Armagedom

Os capítulos 15 e 16 fazem referência ao famoso local em que os exércitos da Terra estarão reunidos para a grande batalha final, chamada Armagedom. O nome provém de duas palavras hebraicas que se referem ao monte de Megido, cidade situada numa colina com vista para o Vale de Jezreel, lugar que foi palco de muitas batalhas do Antigo Testamento e, portanto, tornou-se lendário ou proverbial como um lugar apropriado para batalhas. Mais uma vez, precisamos levar em conta o significado desses termos para

os leitores do primeiro século.

Nos dias de hoje, ao afirmar que Napoleão enfrentou sua maior batalha em Waterloo, podemos estar nos referindo a uma derrota final ou decisiva de alguém em qualquer tipo de batalha, incluindo até mesmo batalhas no sentido figurado. É como se dissessemos que alguém “enfrentou seu Waterloo”. Parece que no primeiro século, o termo “Armagedom” tinha um significado semelhante. Portanto, não devemos necessariamente supor que os exércitos da Terra irão se enfrentar, literalmente falando, no Vale de Jezreel, à sombra do monte de Megido para uma grande e última batalha.

De preferência, o termo é usado simplesmente para evocar a ideia de um grande e terrível combate entre as forças que estão ao lado de Deus e as que estão contra Ele. Curiosamente, o único lugar do livro do Apocalipse em que aparece a palavra Armagedom não descreve uma batalha real, mas apenas a preparação para ela. Voltaremos a esse tema alguns capítulos adiante e notaremos algo muito interessante que geralmente não é levado em conta em relação ao Armagedom.

IV. A queda de Babilônia (17:1–18:24)

Antes de chegar a esse ponto, porém, devemos mencionar outro evento cronológico secundário que se desprende da sequência de eventos da tribulação nos capítulos 17 e 18.

A. A descrição de Babilônia

Apocalipse 17 retrata a queda desse grande império do mal que caracteriza os últimos dias, o qual é descrito explicitamente como “Babilônia”, e também como a “cidade das sete colinas”, um termo bem conhecido que fazia alusão à Roma do primeiro século. Mais uma vez, é preciso advertir contra a interpretação demasiado literal da linguagem apocalíptica.

Nos dias de João, a Babilônia não era uma cidade, muito menos um império, como já dissemos no estudo de 1 Pedro. Roma, sem dúvida, era, mas a questão toda da identificação do grande império maligno do fim dos tempos como sendo Babilônia ou Roma, se refere a uma descrição teológica e não geográfica. Assim como o Império Babilônico foi o inimigo mais temido de todos os opressores de Israel nos tempos do Antigo Testamento, Roma tornou-se a potência mais temida pelas pessoas que viveram nos tempos do Novo Testamento. Do mesmo modo se levantará, nos

últimos tempos, um grande império do mal com essas mesmas características, conforme é descrito em Apocalipse 17, mesclando política e religião ímpias.

A prostituta é a personagem principal da visão de Apocalipse 17, da mesma forma como a infidelidade espiritual era descrita, ao longo de todo o Antigo Testamento, como adultério ou prostituição. E essa prostituta comete fornicação com os reis da terra. Claramente, há elementos religiosos e políticos nesse império do mal no fim dos tempos que se misturam para fazer oposição ao povo de Deus. Quando notamos que esse império não é descrito em termos mais específicos do que esses, ele poderia ser representado por quaisquer dos grandes poderes políticos ao longo da história humana que não tenham sido identificados com o cristianismo. Mais uma vez devemos nos lembrar que o Apocalipse não tem o propósito de apresentar previamente informações detalhadas, as quais nos permitam descrever os eventos específicos à medida que se vão desenrolando no limiar do fim da história humana.

B. Lamento sobre Babilônia

O capítulo 18 continua a descrever um elemento adicional importante desse poder ímpio no fim dos tempos, e o faz utilizando um recurso literário conhecido como lamento, uma forma empregada tanto pelos Salmos quanto pela literatura profética do Antigo Testamento. É muito revelador e instrutivo destacar sobre o que lamentavam aqueles que ficaram para trás, por assim dizer, enfrentando a calamidade final e refletindo sobre a destruição dessa grande hegemonia maligna do fim dos tempos. O seu lamento, em grande parte, é pela perda da grande riqueza do império.

Isso também se encaixa no contexto de Roma no primeiro século. A cidade vivia de exportações e importações dos povos e nações subjugados. E a lista de mercadorias — que já não seriam carregadas pelos barcos nem passariam pelos canais de comercialização que o capítulo 18 menciona — parece se tratar de uma relação de diferentes artigos de luxo que eram confiscados dos povos subjugados em todo o Império Romano. Um grupo de líderes políticos imensamente ricos, como o imperador, sua corte e sua clientela se beneficiavam desses artigos. No entanto, aí também se incluíam atividades normais da vida, como música, casamentos e coisas do gênero, além do grande comércio de escravos que o Império Romano defendia com tanta veemência. Entretanto, pressupondo que essa figura de linguagem incluía elementos

passados e futuros a esse imaginário, devemos acrescentar essa dimensão socioeconômica ao império que se levantará implacavelmente contra o povo de Deus nos últimos dias.

Se você tem ponderado se alguns aspectos da vida no século 21 porventura não estariam de alguma forma relacionados com os acontecimentos do livro do Apocalipse, precisamos alertar que não se deve apenas olhar para os aparatos militares das grandes potências, nem necessariamente para tudo o que está ocorrendo atualmente no Oriente Médio, ou para a moderna Roma, como o Vaticano, e como muitas vezes propuseram aqueles que têm se oposto à Igreja Católica ao longo dos séculos. É necessário pensar num império que dominará o mundo num sentido socioeconômico, oprimindo pessoas em outras partes do mundo, que mal conseguem sobreviver, que ganham apenas o mínimo dos mínimos, e são forçadas a enviar enormes recursos para aqueles que já são imensamente ricos nos dias de hoje.

É triste e trágico constatar que nações, como os países da Europa ocidental e da América do Norte, em sua maior parte — assim como corporações multinacionais e hegemônicas de comércio que estrangulam a economia mundial quase sempre à custa das nações menos desenvolvidas — sejam os que mais se ajustam a essa descrição do Apocalipse.

Isso não quer dizer que possamos nos atrever a ser mais explícitos em apontar para esses países e corporações, como o fizeram outros no passado e se equivocaram em suas afirmações. Mas isso nos induz a pensar que aqueles que detêm a maior parte da riqueza mundial podem estar mais próximos desse ponto de violação ética, especialmente por não permitir que sua profissão de fé cristã transforme radicalmente sua atitude para com a riqueza. Nós não queremos nos tornar culpados por fazer parte de um império que fará oposição a Cristo.

V. Triunfo no Céu e na Terra (19:1—20:15)

Finalmente, no capítulo 19, nos encontramos com a imagem do triunfo celestial.

A. A volta de Cristo

Depois de uma salva de aleluias e uma descrição da grande festa das bodas do Cordeiro — que é imitada e parodiada pela grande ceia de Deus, na qual as aves de rapina são convidadas a se banquetearem

com as carnes dos generais desse horrível império do fim dos tempos — finalmente chegamos a uma descrição do retorno de Cristo e ao ponto culminante dessa batalha, cujo quadro foi apresentado no capítulo 16 e faz referência ao Armagedom. Mas é surpreendente que no capítulo 19 não haja descrição alguma de qualquer batalha.

Antes que as forças do mal possam ensaiar qualquer ataque ou mesmo cobrar ânimo, Cristo retorna, cavalgando triunfantemente pelo céu com as forças angelicais ao Seu redor, para vencer e destruir todos os Seus inimigos. Portanto, sempre que surgir uma nova guerra humana, podemos estar certos de que não se trata do Armagedom, apesar das contínuas especulações de cristãos que acreditam numa guerra literal.

Em vez disso, Cristo irá retornar — antes que qualquer grande guerra mundial possa começar, marcando o fim da história humana como hoje a conhecemos — derrotando todas as forças inimigas. Os versículos finais do capítulo 19 descrevem o destino dos dois primeiros membros da trindade satânica: a primeira e a segunda bestas.

B. Satanás é preso, depois libertado e lançado no lago de fogo

Os versículos 1 a 3 do capítulo 20 mencionam a prisão de Satanás. A partir de uma perspectiva literária, seria natural que não víssemos qualquer quebra cronológica entre o final do capítulo 19 e o início do capítulo 20.

Se essa interpretação estiver correta, então a interpretação amilenista perde o sentido, pois considera o capítulo 20 como uma retrospectiva do que ocorreu na primeira vinda de Cristo com a prisão temporária e parcial de Satanás naquela ocasião. Estando correta nossa interpretação, devemos então considerar todo o capítulo 20 como referindo-se a uma nova fase da história humana depois do retorno de Cristo, uma era de ouro em que o mal será colocado em cheque, pelo menos até os momentos finais.

Então o diabo será solto de sua prisão e terá autorização para colocar em prática sua última ação, enganando as nações da terra (aquelas que não estejam seguindo a Cristo naquele momento). Então haverá uma última chance para que as pessoas façam sua livre escolha; e, infelizmente, muitos vão escolher rebelar-se contra Deus e Cristo, mesmo depois do governo divino em um mundo literal e fisicamente aperfeiçoado.

No entanto, essa batalha final é novamente posta a termo decisivamente; o diabo e todos os seus seguidores são punidos; o diabo é lançado no lago de fogo, onde haverá tormento para todo o sempre. O juízo do grande trono branco completa o capítulo 20, em que os livros dos vivos e dos mortos são abertos, e todos terão seu destino eterno selado: céu ou inferno. Para os crentes, esse não é um momento assustador, porque sua salvação já foi assegurada.

VI. Novo céu e nova terra (21:1–22:21)

Os capítulos 21 e 22 descrevem o novo céu e a nova terra, que durarão por toda a eternidade, depois do milênio e do julgamento do grande trono branco. Essa é uma bela imagem do paraíso que inspira esperança e encorajamento a todos aqueles que leem essa descrição. É também um pouco mais terrenal do que muitas concepções cristãs populares da vida por vir.

Ao contrário de um céu etéreo pouco realista, aqui estão descritos novos céus e nova terra; e as imagens de uma nova cidade — uma Jerusalém que desce do céu — estabelecendo o centro da nova terra que os salvos usufruirão, mais um lembrete de que os cristãos de qualquer etnia irão compartilhar todas as bênçãos que originalmente estavam reservadas para Israel.

Também há um contraste impressionante com o jardim, onde nossos primeiros pais humanos iniciaram [a história]. Em vez de viver na tranquilidade da natureza, em todo o seu esplendor e majestade, viveremos numa cidade. Hoje, muitas vezes associamos as cidades com o aquilo que existe de pior em termos de maldade, porque os seres humanos envolvidos pelo pecado convivem muito próximos uns dos outros.

Mas essa nova cidade será perfeita e recriada. Nela não haverá pecado, sofrimento ou lágrimas. Devemos ter em mente, porém, que os propósitos de Deus para o Seu povo não apontam para uma vida de isolamento esplêndido, e sim a vida em meio a uma comunidade redimida. Também não haverá templo nesses novos céu e terra, pois Deus e Cristo, através da Sua presença, cumprirão todas as funções que os antigos templos desempenhavam, não havendo necessidade de sacrifício pelo pecado, pois ele terá sido completamente extinto.

Assim, o livro Apocalipse chega ao seu final, e com ele todo o Novo Testamento e a própria Escritura. Então, uma advertência notável

é feita contra a adição ou subtração de qualquer parte desse livro; uma lembrança e uma advertência a respeito daqueles que passarão a eternidade no inferno. Isso não significa que algum dia terão nova oportunidade de salvação; infelizmente, aqueles que nunca aceitaram a Jesus como seu Senhor e Salvador — apesar das inúmeras chances que lhes foram dadas — finalmente poderão ver a confirmação de sua escolha para passar uma eternidade sem Deus e longe de tudo o que é bom.

VII. Conclusão

Agora que chegou ao final deste estudo, se você nunca fez sua decisão pessoal de aceitar a Jesus Cristo pela fé, nosso desejo é que você leve a sério essas advertências finais do último livro da Bíblia, e aceite Jesus em seu coração e comece a segui-lo no caminho do discipulado.

Creemos que a maioria dos estudantes desta unidade já tenham feito essa decisão. Queremos encorajar você a perseverar sempre, e também tomar nota dos diferentes elementos que temos estudado nessa passada de vista do Novo Testamento, lembrando que a vida cristã é uma luta constante, com muitas dificuldades a serem superadas. Na verdade, a expressão-chave que o Apocalipse usa para os crentes é “vencedores”; e mesmo sabendo que aqueles que estão em Cristo vencerão, a única maneira de descobrir quem são essas pessoas é ver quais delas, de fato, irão perseverar até o fim. Então, jamais podemos baixar a guarda, mas devemos continuar dependendo do poder do Espírito para que sejamos conduzidos a esse dia de perfeição e glória vindoura.